LIBERA

ANO 15
No. 132
NOV-DEZ/2005
F.A.R.J.

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net http://farj.entodaspartes.org Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h no SINDSPREV-RJ. Rua Joaquim Silva, 98-A - Lapa. Auditório do 3º. andar.
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 17h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

DIÁRIO DE UMA OCUPAÇÃO URBANA: ANARQUISMO AGORA

15 de novembro de 2005. As ruas do centro do Rio de Janeiro amanhecem quase abandonadas por conta do feriado. Os muitos arranha-céus espelhados que compõem a Avenida Rio Branco naquele dia não refletem, como acontece cotidianamente, o espetáculo urbano de tantas injustiças. No dia anterior a avenida comemorara seu centenário, com a distribuição de bolo aos transeuntes. Não longe dali, 70 famílias quase famintas aguardavam o início de mais uma ocupação urbana, concentradas em um prédio da Lapa. Expulsos da região no início do século XX pela construção da então Avenida Central, os sem-teto reivindicavam sua volta à região, pleiteando uma vida socialmente útil para o prédio número 20 da rua Alcindo Guanabara., abandonado a mais de uma década pelo INSS e bem próximo à imponente Rio Branco. A ocupação contou com o apoio de estudantes e de diversos grupos anarquistas, sendo batizada com o emblemático nome de "Quilombo das Guerreiras". Os anarquistas foram representados pela *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ), pelo *Coletivo Libertário Ativista Voluntariado de Estudos* (CLAVE), pelo extinto *Grupo Ação Libertária* (GAL) e outros grupos de inspiração libertária que, ao lado da *Frente Internacional dos Sem Teto* (FIST) forneceram apoio aos ocupantes. Os anarquistas, com sua participação, deram continuidade a processo de retomada de sua tradição de luta e inserção social no Rio de Janeiro.

A ocupação foi preparada no decorrer dos meses antecedentes em reuniões semanais sempre precedidas de análises de conjuntura, sendo tiradas comissões para resolver problemas que sempre ocorrem nestes momentos, ligados à hidráulica,, eletricidade, cozinha, limpeza e animação para crianças. Tais reuniões também serviram para despertar e estimular entre os participantes um sentimento de fraternidade e de entrosamento político, baseados na confiança mútua. Parodiando Bakunin, a liberdade de outros amplia a do indivíduo até o infinito. Além disso, princípios de autogestão econômica e social eram veiculadas no seu decorrer, com sua dinâmica também compreendendo tópicos de organização como a elaboração de um regimento interno, o registro de presenças (5 faltas = excluído da ocupação). Nas últimas reuniões o número de famílias cadastradas ultrapassou dois dígitos em vista das péssimas condições de vida da população.

A ação de ocupação desenvolveu-se a partir de concentração em um galpão na Lapa já no dia anterior. Ali se realizou uma assembléia final que votou as deliberações mais urgentes para o momento. Com a chegada ao local de todos os grupos de ocupantes até as 3:30 da madrugada, a porta do prédio foi aberta após momentos de tensão. Em alguns minutos chegam alguns policiais que conseguem impedir a entrada de alguns ocupantes. Às 4 horas chegam mais efetivos da repressão do Estado. Às 4.30h a luz é ligada em clima de euforia. Neste momento, um sargento da polícia declara querer conversar "com o líder". Recebe a resposta de que ali não havia líderes, mas uma comissão de moradores, o que causa visível confusão mental no policial, acostumado a lidar com hierarquias. Seguiu-se uma tentativa de intoxicação dos ocupantes, quando a polícia abre o cano de descarga de viatura postada bem à entrada do prédio, apertando seu acelerador. Militante da FARJ e advogado da FIST também neste momento são ameaçados de prisão e agressão. Novas viaturas policiais chegam ao local. Ainda naquela manhã foi convocada assembléia para reorganização das tarefas de vigilância. A imprensa chegou por volta das 9 horas, entrevistando todos os apoios (os que estavam dentro e fora do prédio) , o que fez com que a polícia "maneirasse" sua atuação. À tarde, por volta das 13 horas, porém, esta mesma polícia não permite a entrada de água e alimentos para os ocupantes (que incluía senhoras idosas, mulheres grávidas e crianças).

Às 15 horas o advogado da ocupação anuncia para a alegria geral que juiz havia concedido "interdito proibitório" , determinando a retirada do corpo repressivo do Estado diante da porta. No entanto, tal não foi aceito pelos defensores da "Justiça" Federal postados frente ao prédio, obrigando o advogado a ir apresentar nova petição,

"A diferença é que político a gente escolhe e ladrão escolhe a gente. De resto é igual".

Bloco Carnavalesco Simpatia é Quase Amor

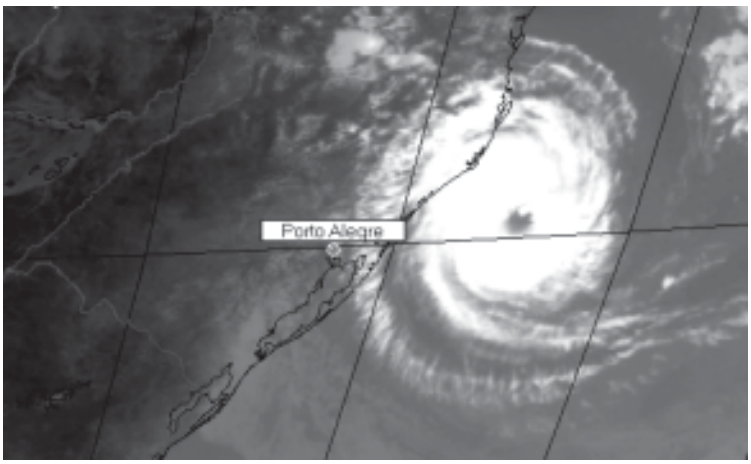
desta vez de julgamento dos atos de tais guardiães. A rua, a esta altura, já está coalhada com agentes das polícias federal, militar, judiciária e da inteligência da polícia civil, o CORE, numa clara manifestação de que a criminalização de questões sociais está longe de ser coisa do passado. As seis da tarde o advogado retorna com uma liminar, lida em voz alta para a imprensa e todos os presentes. Mais uma vez se comemora, mas a liminar não é aceita pelos "bravos agentes da lei". Começa então um tumulto que envolve policiais, advogados e o pessoal de apoio. Alguns dos apoios, inclusive um militante da FARJ, são agredidos e recebem voz de prisão, e o advogado é agredido e conduzido de forma criminosa à delegacia. Aproximadamente às 20 horas recebeu-se a notícia de que estaria a caminho força policial que usaria em nome da "lei" e da "ordem" toda a violência para desalojar os ocupantes. Perante tal situação, foi convocada uma assembléia para decidir pela retirada ou resistência à invasão policial, tendo prevalecido à opção pela saída do prédio. Esta ocorreu entre cantos de guerra e salva de palmas aos ocupantes, que se abraçavam entre lágrimas e choros e, que neste momento de emoção, reafirmavam o quanto à luta e a resistência são armas contra a desordem social vigente que numa manobra jurídica perversa revelou mais uma vez insensibilidade aos graves problemas de moradia, desemprego e de precariedade de vida. Nestes momentos a sociedade estatal-capitalista mostra sua verdadeira face: a da repressão e do terror contra dominados e excluídos.

Apesar do revés sofrido, os moradores continuam com suas necessidades. Cabe aos anarquistas continuar mostrando que uma nova forma de organização social é possível e que os princípios de solidariedade, apoio mútuo e autogestão social, exercidos através da ação direta, são os verdadeiros alicerces e o caminho para uma sociedade enfim livre e humana.

SOOU O ALARME

O Capitalismo arruína a vida na Terra e coloca em dúvida o futuro das sociedades humanas

Nos últimos meses o planeta deu sinais de que se aproxima da exaustão. O alarme ambiental foi disparado, fazendo soar a primeira advertência sobre os graves efeitos do aquecimento global. Fatos recentes comprovam previsões nada otimistas sobre o futuro e revelam que o frágil equilíbrio sobre o qual a biosfera se sustenta está sofrendo sérias ameaças de se romper. Com a elevação térmica, passaram a ocorrer fenômenos até então inimagináveis, como a formação do furacão Catarina no Atlântico Sul, que varreu uma vasta extensão da costa de Santa Catarina em março de 2004 e também a dramática escassez de água que há poucos meses atrás castigou a região amazônica, a maior bacia hidrográfica da Terra. Além disso, foi registrado o mais acentuado recuo das geleiras do Ártico desde o início da sua medição, há trinta anos. Praticamente uma quinta parte da camada de gelo que cobre o pólo norte desapareceu. Como se não bastasse, este ano se intensificou de forma extraordinária a freqüência e a potência dos furacões nas Américas do Norte e Central, deixando cada um seu rastro de destruição e morte.



Furacão Catarina, uma imagem inacreditável (foto de satélite).

Há mais de três décadas atrás uma equipe de cientistas estadunidenses[1] fez um estudo relacionando dados sobre o impacto do desenvolvimento econômico mundial para o meio ambiente e para as sociedades humanas. Originado a partir deste trabalho, o livro "Limites do Crescimento" já apresentava sólidos argumentos a respeito da inviabilidade do modelo de progresso predatório que os organismos internacionais (ONU, FMI, BIRD, BID, etc.) colocavam em prática, ao transferir os padrões de consumo dos EUA e da Europa para o resto do mundo. Do mesmo modo, a pesquisa alertava que – mantidas as elevadas taxas de crescimento dos países mais ricos – a utilização ostensiva dos recursos naturais disponíveis colocava em risco a existência das próprias sociedades industrializadas e apontava para a possibilidade de ocorrer um colapso nas relações econômicas mundiais. As perspectivas apresentadas eram as mais pessimistas possíveis; seria apenas uma questão de tempo – um século no máximo – para que o caos generalizado, gerado pela escassez de água, alimentos, matérias-primas e energia, pudesse se instalar na base do sistema capitalista.

A repercussão alcançada pela pesquisa, que denunciava implicitamente a promoção do crescimento econômico a qualquer custo como parte do processo de destruição do planeta, foi um golpe contundente e definitivo para a legitimidade institucional do conceito de desenvolvimento. Foram necessários quase quinze anos para que os especialistas – leia-se os ideólogos – da UNCED, a comissão da ONU para o meio ambiente e desenvolvimento, o desconstruíssem. Distante de qualquer noção objetiva de limite físico, o conceito de desenvolvimento ganhou uma versão técnico-científica, passando a ser internacionalmente conhecido por Desenvolvimento Sustentável. Revestido por uma conotação "ecologicamente correta", o desenvolvimento manteve assim sua principal função na estrutura do capitalismo mundial, a de garantir a continuidade da pilhagem e da expropriação dos países pobres pelas grandes corporações transnacionais sediadas nos países ricos.

A importância da revelação de que existem limites objetivos, obstruindo a expansão contínua do capital – o que atinge diretamente a dinâmica interna do capitalismo, que necessita do incremento permanente de mais capital para se reproduzir socialmente e se perpetuar historicamente – é um fato político que ainda não teve seu potencial de ruptura das instituições sociais burguesas seriamente discutido e analisado pelos militantes anarquistas em suas organizações. Para além do conflito estrutural entre burguesia e proletariado, a contradição interna que hoje atinge as bases do capitalismo está justamente na evidência de que esta forma de organização social tende a provocar a sua própria ruína, arrastando o planeta para a degradação do meio ambiente e os seres humanos para a barbárie.

Existem hoje, sem nenhum exagero, razões suficientes para se esperar um cenário global extremamente desanimador para as próxi-

Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R$ 8,00); pacote de 10 *Liberas* (R$ 4,00).
O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.
Tiragem: 2.500 exemplares.
Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ
Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

mas décadas. No centro da crise ambiental que começa a se desenhar está uma determinada formação histórico-social, a sociedade capitalista que se organiza e se desenvolve desprezando o destino do gênero humano e das demais espécies. Essa crise traz no seu bojo todos os elementos para adquirir grandes proporções e potencializar profundas mudanças sociais. Na realidade, as formas que tal crise vai assumir são imprevisíveis; uma delas em especial seria desastrosa para os grupos sociais economicamente dominantes, a perda de credibilidade no projeto capitalista de desenvolvimento. A descrença nas promessas de um futuro próspero e feliz traria conseqüências nefastas para a economia de mercado, desestimulando drasticamente o consumo e refreando a produção.

Historicamente, o modo de produção capitalista oscila entre fases de grande crise e outras de alguma estabilidade. A sua próxima crise, dependendo da extensão e da profundidade que alcançar, poderá produzir um contexto altamente favorável à radicalização e ampliação das lutas populares pelos movimentos sociais, criando as condições históricas necessárias às transformações estruturais que os anarquistas propõem para a construção de uma sociedade pós-capitalista, sem privilégios de classe e autogerida pelos próprios trabalhadores.

Nesse momento, em que olhar para o futuro significa antes repensar o presente, uma dupla tarefa se coloca para a militância anarquista organizada, a de colocar em prática – com os meios materiais e humanos disponíveis – as ações políticas contra as atividades predatórias promovidas pela economia capitalista no planeta e, ao mesmo tempo, fazer avançar de forma decisiva o processo de emancipação social e econômica dos trabalhadores.

1 – A pesquisa foi coordenada por Dennis L. Meadows, do Massachussetts Institute of Technology (MIT), em 1973, sob encomenda de Agnelo Rossi (magnata italiano, presidente do Clube de Roma e acionista majoritário da FIAT, na época).

Almir Gomes de Oliveira (FARJ)

PEDAGOGOS, DEMAGOGOS E OUTRAS FERAS

Diante da miserabilização da educação e frente à desertificação do pensamento crítico dentro das universidades e escolas, vemos este animal enjaulado e cego em seus preconceitos e atavismos, mostrar suas garras, e urrar dentro das celas do ensino convencional: a besta-fera-pedagogo.

O pedagogo tradicional protege ou atualiza o condicionamento psicológico contido no programa educacional, conscientemente ou não, das estruturas que nulificam a liberdade, estas são defendidas por este pedagogo com unhas e dentes... Já o pedagogo crítico vive um eterno dilema, dividido entre seus princípios éticos livres e as normas escolares as quais está submetido, sabe que dentro das instituições escolares, deve manter-se dentro de um padrão modelado pelos capatazes da educação burguesa sob risco de demissão, caso transgrida alguma regra estabelecida. Educar para a vida. Ou para a morte. Eis o dilema contemporâneo da educação.

No caso da pedagogia tradicional, educa-se para a morte. Não uma morte biológica, depositada na falência múltipla de órgãos ou em suas múltiplas complicações. Mas uma morte em vida. Como diria La Boétie, os senhores existem, porque os escravos assim os aceitam. E neste mecanismo de aceitação da escravidão, a escola ganha um papel, mais do que fundamental, diríamos que preliminar, na transformação de seres humanos em escravos, interiorizando a ideologia dominante em nossos corações e no coração de nossas crianças. É nítido que a escola é um espaço destinado a monopolizar a aplicação do conhecimento por motivos óbvios: isto serve aos interesses do Estado e da burguesia.

Apropriar-se de todos e quaisquer espaços legítimos onde o conhecimento é professado. Museus, livros, bibliotecas, espaços culturais, escolas, universidades é a tática utilizada. Em qualquer parte ou espaço, onde idéias estejam sendo passadas, o sistema tentará apropriar-se de tais mecanismos e meios, cristalizando assim, os papéis sociais a serem desempenhados pelos participantes do jogo e recontando a história, assim sempre que lhes aprouver. Dominando estes espaços, o sistema domina a forma e o conteúdo deles. No passado, os anarquistas cientes desta tática burguesa, fundaram novos espaços de educação, dentro dos sindicatos, fundando ateneus, centros culturais, ministrando aulas de alfabetização, círculos de estudo e até mesmo Universidades Populares. Daí, a importância, dos círculos de estudo libertários e outros espaços culturais, como construções legítimas de focos de resistência, em oposição ao educacionismo liberal e/ou burguês.

Enquanto os pais estão vendendo suas forças de trabalho para o capital, eis que surgem os pedagogos a serviço da ideologia do Estado e da sociedade alienante, a aplicar seus conceitos de educação. A chave da liberdade é concedida, então, ao carcereiro-professor, que saberá muito bem guardá-la apropriadamente. Utilizando-se assim dos métodos mais usuais da lógica burguesa. Os horários, as normas, os preceitos morais contidos na rotina escolar são parte do mecanismo social, que irão naturalizar a existência da desigualdade de classes. Reforçando o darwinismo social e determinando com a dinâmica excludente da competição escolar, dos exames, da reprovação, os vencedores e perdedores, a máquina escolar vai distribuindo os prêmios e castigos; preparando os futuros trabalhadores, para serem triturados pelas engrenagens do deus-capital. A educação transforma. Estamos conscientes disto. Transforma homens dóceis em zumbis apáticos, meninos “rebeldes” em receptáculos de culpa, canalizados pela ideologia religiosa cristã, já arraigada de pecado, vergonha e punição, que Nietschze tanto denunciara, e que serviu de base moral para educar toda uma geração.

A sala de aula é o reino da educação. Onde fazendo uma breve analogia a Focault, o conhecimento torna-se poder e o poder funde-se ao conhecimento, dando ao pedagogo, um status de um semideus. A transmissão de conhecimento torna-se um meio de barganha e submissão. As notas, os exames, são as armas de tortura, do carrasco professor e sua garantia de intocabilidade. Eis aí a hierarquia do sistema dominante reproduzindo-se conscientemente no sistema escolar, sendo defendida como “necessária”, pelo seu fiel protetor pedagogo. Claro, não há nada mais para proteger. Diante da crise do trabalho e da massificação, resta ao pedagogo/professor preencher suas vaidades não abastecidas pelo sistema, com uma armadura de perfeição “moral” e “intelectual” sob a cabeça de seus alunos. O Educador ganha respeito, galga posições na hierarquia social, mesmo que seja temporariamente no curto espaço de sua aula, enquanto o indivíduo educado, cai diante a imponência do lorde professor. E se for criança, cairá duas vezes, já que crianças, nem podem ser consideradas indivíduos, segundo a lógica mórbida que rege o mundo dos “adultos”. Papai derrama café no chão, mamãe lamenta, a mim me esbofeteia. Papai suja a camisa, mamãe o limpa a mim me bate. Denunciava o extraordinário pedagogo Janusz Korczack. Não podemos deixar de alertar, que alguns pedagogos mais liberais e nisso incluímos alguns revolucionários, acabam por creditar na educação um papel libertador ou redentor-metafísico, como se esta fosse a única forma para a resolução dos problemas sociais. É triste ver o pedagogo moderno, se enjaular em barricadas retóricas pseudo-científicas, acreditando que elementos contraditórios como desigualdade social premeditada pela formação deste sistema econômico e ensino livre a todos possam ser resolvidos, apenas com, uma boa dose de “educação”. Transformar desigualdades seculares de uma sociedade com apenas bons métodos pedagógicos, é ingenuidade ou má-fé.

Como diria Bakunin, não eduquemos as massas para que estas se libertem. A libertemos primeiramente e elas se educarão por si próprias. Esta frase contém em si a idéia anarquista sobre o papel

da educação num processo revolucionário. A educação é e será fundamental, porém acreditar, que nesta relação educador x educado, o educador torna-se "superior" ao educando é o primeiro passo para uma arrogância perigosa, que ao adquirir o seu viés "revolucionário" já fomentou desvios éticos dentro do campo socialista que se cimentaram como teoria, vide a posição educando (do alto de suas torres de marfim) e educado (embaixo de suas choupanas de palha e madeira) retratada pela ideologia cega do marxismo ortodoxo.

A crítica pedagógica atual, normalmente se calca, em elementos circundantes, preferindo abordar a se a cor da grade da jaula serve aos intuitos do domador ou se o piso da jaula serve a seus propósitos de criar bichos mais dóceis. A crítica é uma crítica cega, que não visualiza as verdadeiras estruturas que atuam por detrás das cortinas e com que intuitos elas trabalham. Os poucos pedagogos que se prestam a avaliar criticamente as estruturas dos quais fazem parte, perdem-se em divagações inúteis, sobre a ineficiência do sistema escolar em produzir bons cidadãos. E que bons cidadãos seriam estes? Os que pagam os impostos em dia, os que trabalham sem reclamar? Os que morrem de fome, sem reagir?

O estudo das retóricas pedagógicas, que supostamente, seriam mais "libertárias", no sentido mais limitado da palavra, acabam tombando, frente aos preconceitos adquiridos pelo pedagogo e sua contradição: veste a máscara de pedagogo liberal em alguns momentos, mas dentro da sala de aula ou em casa com os filhos é o maior dos déspostas e tiranos, um autoritário de carteirinha.

Nenhuma pedagogia libertária poderá romper com a lógica autoritária e os micro-fascismos da sociedade contemporânea, se não entendermos que a educação é um processo integral, que não está limitada aos espaços físicos da escola ou da universidade (está presente em nosso dia a dia) e que se não sentirmos e acreditamos realmente no que lemos e praticamos, não haverá livro anarquista que nos convença. Pois como nos ensina o filósofo indiano Juddi Krishnamurti, a simples repetição de palavras, NADA significa.Devemos viver e ser o que queremos mudar no mundo. Relembrando a congruência, tão citada pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers e/ou a honestidade libertária, bem ressaltada pela vida do anarquista italiano, Errico Malatesta.

Devemos buscar exemplos e referências de dedicação e paixão, como nos deixam as experiências de amor de Janusz Korczack, A.S Neil e a escola Summerhill, Francisco Ferrer Y Guardia e os movimentos das "escolas modernas", o orfanato Cempius de Paul Robin, Adelino Tavares Pinho e a Escola Moderna de São Paulo, os pré-vestibulares comunitários ou outras formas de educação autogeridas por voluntários anarquistas em todas as partes do mundo. Em nosso específico e atual caso, nas ocupações Vila da Conquista e Nelson Faria Marinho, onde tentamos na medida de nossas possibilidades como seres humanos, "viver" e "ser" o anarquismo, baseados numa prática pedagógica livre, que não reproduza a ideologia dominante em nossas mentes ou em nossos corações.

Rafael (CLAVE-RJ)

.....Notícias Libertárias.....

Revista Protesta!: Publicado o terceiro número da *Protesta!*, lançada pelo *Coletivo Anarquista Terra Livre*, pela FARJ e pelo CLAVE/RJ. A revista, com 25 páginas e formato 30x23cm, vem com ótima apresentação, com artigos como "Da autogestão e de suas abordagens contemporâneas", "Um pouco de organização anarquista", Breve história da Cruz Negra Anarquista", "Domingos Passos: o *Bakunin* brasileiro", "Ocupações urbanas", entre outros igualmente interessantes. Pedidos ou informações com o Coletivo Terra Livre: www.terralivre.org ou Cx. Postal 195; CEP 01059-970; São Paulo/SP.

Centenário da morte de Elisée Reclus*:* Durante todo o ano de 2005, na pauta de atividades do movimento anarquista de vários cantos do mundo, estiveram previstos eventos recordando a vida e a obra de Elisée Réclus. Isto ocorreu em função da memória dos 100 anos da morte deste geógrafo (antes de tudo anarquista, como ele mesmo ressaltava). Falecido em 1905, Reclus deixou a marca de sua participação em inúmeros textos publicados em jornais, vários panfletos e prefácios. Esse militante de altíssima importância para o anarquismo também tem o nome reconhecido pelo meio científico graças à competência técnica e ao estilo literário, com os quais edificou obras monumentais como *La Terre* e *L'Homme et la Terre*. No Brasil, podemos ter acesso ao seu livro especificamente anarquista, *A **Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista***, lançado em 2002 pela Imaginário. Além disso, podem ser encontradas mais informações a respeito de Reclus na revista *Letralivre* # 44, onde foi publicado um artigo de Milton Lopes com o título "Elisée Reclus e o Brasil"; no jornal anarquista português *A Batalha* # 212, que contem a matéria "Recordando Elisée Reclus no centenário de sua morte", disponível no *site* (http://www.ainfos.ca/pt/ainfos02863.html); no *site* htttp;// raforum.apinc.org/album.php32idarticle=2865&debuitimage=0#a e na revista francesa *Herodote,*, especializada em Geografia, que dedicou todo o seu número 117 (2º trimestre de 2005) a Elisée Reclus.

Brasília: Com grande alegria anunciamos que desde outubro de 2005 reune-se em Brasília o *Coletivo Luta de Classes*, mais uma iniciativa de organização do movimento anarquista e fato inédito no Distrito Federal. Da formação política e construção do órgão levantam-se todavia as vigas mestras. Quanto à capital da esperança: O concreto já rachou!! O e-mail do CLC é lutadeclassesdf@riseup.net

Greve: A greve do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, com duração de 3 meses (setembro, outubro e novembro) conseguiu arrancar do governo 12% mais a "classe especial" para os docentes. O movimento dirigido pelo SINDSCOPE contou no seu comando de greve com um militante da FARJ.

Magón y Zapata*:* Sairá em janeiro o terceiro número do jornal *Viva Tierra y Libertad*, periódico magonista zapatista libertário, porta-voz das comunidades e organizações integrantes da *Aliança Magonista Zapatista* (AMZ). Virão artigos sobre a Sexta Declaração da Selva de Lacandona, resistência indígena, meio ambiente, as eleições burguesas e a "Outra Campanha" desencadeada pelo EZLN, direito das mulheres e muito mais. A FARJ saúda a AMZ e se solidariza a todas as suas lutas. Contatos com a AMZ através dos endereços periodicovivatierraylibertad@gmail.com ou amz@espora.org. O site é: www.espora.org/amz/

Krishnamurti*:* O *Instituto Cultural Krishnamurti* (ICK) completou 70 anos este ano. Foi fundado em 1935 quando Jiddu Krishnamurti esteve no Brasil para uma série de palestras no Rio, São Paulo e Niterói. Este grande educador recebeu naquela época, elogios de vários anarquistas, dentre os quais podemos citar Maria Lacerda de Moura e José Oiticica, que incentivavam a leitura dos seus textos. Nesse mês de novembro, realizamos no CELIP uma atividade com membros do ICK, quando foi passado um vídeo de Krishnamurti falando de liberdade e educação, seguido de um interessante debate. O endereço eletrônico do ICK é: www.krishnamurti.org.br

Livros hoje e amanhã: Lançados pela Faísca Publicações Libertárias os livros *A Ideologia do Anarquismo*, de Rudolf Rocker, e *O Anarquismo Hoje: um projeto de revolução social*, da Union Regionale Rhone-Alpes, da Federação Anarquista Francófona. Em breve estará nas ruas o livro *O Anarquismo Social*, do companheiro Frank Mintz # Pelo Instituto de Estudos Libertários (IEL), foram editados em um livro os textos *Eleitor, Escuta!* e *A Podridão Parlamentar*, do anarquista francês Sebastien Faure. No prelo está o livro reunindo os textos *Marxismo, Escola de Ditadores* (Roberto das Neves), *Diálogo com os Marxistas* (Ronald Creagh) e *Relações pessoais com Marx* (Mikhail Bakunin). Informações através de www.libertario-iel.org

Enciclopédia: Recebemos da *Biblioteca Franco Serantini*, por intermédio do companheiro Gianpiero Landi (da *Biblioteca Libertaria Armando Borghi*), o grandioso *Dizionario Biográfico degli Anarchici Italiani*, reunindo em dois volumes centenas de pequenas biografias de anarquistas italianos. Agradecemos imensamente essa inestimável doação para a nossa *Biblioteca Social Fábio Luz*, onde essa obra encontra-se à disposição do público para pesquisa. Informações sobre as edições da *Biblioteca Franco Serantini*: www.bfs-edizioni.it.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * **LETRALIVRE**. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * **COL. DOMINGOS PASSOS**. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * **CCS**. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * **ANA**. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * **COL. TERRA LIVRE**. CP 1731. CEP 01009-970. São Paulo/SP * **COMLUT**. CP 768; CEP 13001-970. Campinas/SP * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. Salvador/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. Salvador/BA * **NUELCA**. CP 14. CEP 48000-970. Alagoinhas/BA * **FCL**. CP 10.115. CEP 58109-970. Campina Grande/PB * **MAP/BA**. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * **GEAL** CP 3244. CEP 78060-970 Cuiabá/MT * **CNA**. CP 294. CEP01059-970. SP/SP * **CRAP**. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * **OPÚSCULO LIBERTÁRIO**. CP 15. CEP 11401-970. Guarujá/SP * **AFIM e GEAAP**. CP 2744. CEP 59022-970. Natal/RN * **MOTIM**. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * **RLBS.** CP 99. CEP 11010-970. Santos/SP * **GASA.** CP 11. CEP 29390-000. Iúna/ES * **CCMA.** CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * **BARRICADA LIBERTÁRIA.** CP 5005. CEP 13036-970. Campinas/SP * **CAZP** CP 136 CEP 57020-970 Maceió/AL * **CAO** CP 306 CEP 65001-970 São Luís/MA * **FENISKO NIGRA** CP 999 CEP 13001-970 Campinas/SP * **COL. RUPTURA** CP 2501 CEP 60721-970 Fortaleza/CE